

CRATO — CEARÁ

FOLHA DE

PIQUI

ANO I — Cr\$ 200,00

Nº 03

MARÇO / ABRIL DE 1984

- ♦ Comunidade de Malhada, Um Socialismo Caboclo
- ♦ Educação e Participação (Ronald)
- ♦ Seu Jéfferson: O Bastião da Ecologia (Cunha)
- ♦ Réquiem Para Nove Poetas Independentes (Leila Miccolis)
- ♦ DOENÇA E SUBDESENVOLVIMENTO (Marcos da Cunha)
- ♦ Poemas e Informes



XILO: STENIO DINIZ

## Falha Técnica

o indiozinho pitu  
saiu para caçar  
lá pras matas de pará  
a world corporation  
caçou ele  
com um tiro certoiro  
só perceberam  
que não era jacaré  
quando a rainha da suíça  
reclamou do brilho do couro  
dos sapatos

Cláudio Gomes

São Paulo

## EDITORIAL

LEONEL ARARIPE

A poesia de Patativa tem o sabor daqueles versos provençais. Atravessando séculos de estilos e pensamentos os mais diversos, um pouco de Provença se encontra bem ali, no rincão de Assaré, onde o bardo cultivava sua roça e canta os seus versos nordestinos, dor de seu povo, dizer camponês. Saudade se tem do terrível Guilherme Peiteu («tanlas fotei...»), do briguento Bertrand de Born, do zangado Peire Gardenal e do simpático Arnaut Daniel, que amassavam o ar e «amavam Laura» («amas L'aura») lá pelos idos de mil-e-tantos. Bons tempos pré-burgueses. Cardinal xingava o clero e os homens no poder, com a leve alcunha de ladrões. Não havia ainda o existencialismo nem a angústia neurótica-faniquítica da poesia

moderna, embora o pessoal naquele tempo fosse bem «existencial».

A verdadeira poesia do classíssimo (veja nossa definição do mesmo abaixo) não são os inúmeros tratados cartesianos metrificadas, mas a poesia provençal.

Essa poesia, a de Provença, com seus valores já antecipa toda a literatura renascentista e neoclássica, que ao nosso ver teve a maior expansão nos Swifts, Erasmos, Rabelais e muitos outros, cujo engajamento social é direto chegando à zanga sem ardeios, em formidáveis «discursos abstratos».

O que precisamos agora é de uma literatura que retome os «lugares-comuns» clássicos, e para tanto mestres como Patativa nos ajuda-

rão; rejeitar as modas importadas do Sul ou do Exterior, pois que não correspondem absolutamente à nossa realidade nordestina.

Esse imenso campesinato morrendo à míngua, duas vezes escravizado (pelos países do Norte e pelo Sul do Brasil), dispensa qualquer agonia de poetas solitários: tanta a urgência, que o verso não tem tempo para «ficção», e vai logo gritando cheio de raiva um não à exploração.

patativa de todos os ares,  
poemas de todas as rimas,  
salve!  
araçá-zul-seco.  
agreste, sertão, caatinga.  
cantiga do mundo,  
ave!

RAPHAEL

## Livrarias CEEMA

Tudo em material escolar, livros didáticos, paradidáticos e de divulgação.

CEEMA: Uma opção que virou mania.

Em Crato: Av. Duque de Caxias, 656 - Tel. 521-1248

Juazeiro: Rua Santa Luzia, 570 - Tel. 511-1908

- ATENDENDO AO PÚBLICO 11 HORAS POR DIA -

## Comunidade de Malhada: Um Socialismo Caboclo

A Comunidade de Malhada fica a cerca de 11 km. da cidade do Crato, perto do Distrito de Ponta da Serra. Três ruas de casas, totalizando 24 casas, com plantações de árvores frutíferas, uma igreja e uma escola, formam a Comunidade. Vinte e quatro famílias formam uma população de mais de cem habitantes. A escola atende a mais de cem alunos, entre moradores da comunidade e alunos das regiões circunvizinhas. O Jornal Folha de Piqui, através de Normando Rodrigues, Roberto Oliveira e Carlos Raphael, esteve visitando a Comunidade de Malhada e na conversa que teve com Dona Vilani, presidente da Associação que foi criada por seus habitantes, comprovou o processo comunitário que esta Associação vem desencadeando junto com seus membros.

### FORMAÇÃO DA COMUNIDADE

Por volta de 1939/60, o Pe. Frederico Niechoeff, — um alemão que chegou ao Brasil em 1939, fugindo da ordem de recrutamento do exército nazista, — com uma verba doada pela Igreja alemã, construiu uma igreja e uma escola em um terreno de dois ha, que recebeu de José Vitorino da Costa Vilar. Em troca o Pe. Frederico reformou a casa de Vitorino. No momento o Pe. Frederico não requereu o registro de posse da terra doada. Fato que mais tarde criou um sério conflito entre a comunidade e o proprietário que adquiriu as terras que pertenciam a Vitorino e sua esposa, a Sra. Maria Augusta Siebra Vilar.

O Núcleo foi cercado por arames farpados, dando-lhe um aspecto de «campo de concentração nazista». O proprietário que queria tomar o terreno, alegando ser o dono legal da terra, chegou ao cúmulo quando despejou dentro da Comunidade, gado e animais de criação, tornando o núcleo em um curral. Nessa época a Associação já havia sido criada e na luta que se travou na justiça, a comunidade ganhou por usucapião. Ainda hoje existe a cerca em três lados do terreno, dividindo ao extremo a comunidade da propriedade do «corenel».

O Pe. Frederico jamais chegou a interferir no processo de organização comunitária dos moradores do Núcleo. Segundo D. Vilani, ele nem sequer participava das reuniões, pois não queria, na posição de Assistente Religioso, tomar posição paternalista. Limitava-se, nos sermões das missas que celebrava, a orientar o povo a se organizar para melhor lutar pelos seus direitos.

A Diocese, através de um setor da Fundação Pe. Ibiapina, auxiliou os moradores quando eles começaram a se organizar e partiram para a vivência comunitária, mas Dona Vilani frisou que essa participação é atualmente indireta, resumindo-se em uma missa mensal e a ajuda particular do vigário que celebra ali.

Os atuais moradores do Núcleo de Malhada eram reendeiros, mceiros e quarteiros dos grandes proprietários da região. Hoje grande parte deles estão alistados no Bólsão da Seca. Dona Vilani reclama, porém, da discriminação com as mulheres, pois não são aceitas como trabalhadoras na Frente de Emergência. Até o final deste ano, eles ainda vão trabalhar c/ os latifundiários, mas a partir daí eles vão cultivar

um terreno de 64 Ha que o Ministério da Agricultura emprestou por vinte anos à Associação.

A Associação que funciona no Núcleo de Malhada é jurídica, publicada no Diário Oficial e registrada em cartório. Funciona, ainda, uma Cooperativa Associativista em forma de uma venda (bodega), onde os moradores compram gêneros de primeira necessidade a preço de custo.

### COOPERATIVA E ASSOCIAÇÃO

A Cooperativa foi fundada em 1973, fruto do lucro de uma roça comunitária. Na venda todos compram mais barato, porém têm que comprar à vista pois como Dona Vilani explicou, foi o fiado que falhou a cooperativa uma vez e, agora, eles não querem cair no mesmo erro. A Cooperativa foi reorganizada quando foi criada a Associação Comunitária Pe. Frederico (este é o seu nome jurídico). De sete sócios passaram para trinta e um e com uma taxa de Cr\$ 3.000,00 para cada sócio, eles puderam recomeçar.

O sistema de trabalho no atendimento da venda é de revezamento. Todo dia duas pessoas diferentes são designadas pela diretoria da Associação para o trabalho de balcão, enquanto os demais se dividem em outros afazeres.

Mensalmente há reunião da Associação, onde são debatidos os problemas e se colocam sugestões para planos de trabalhos, mas de acordo com os problemas surgidos as reuniões podem ser semanalmente ou todo dia.

As principais reivindicações pedidas pelos moradores são: transporte diário (só passa um às segundas-feiras); melhoria para os professores que ganham, atualmente, da Prefeitura, a irrisória quantia de Cr\$ 2.300,00 por mês; assistência médica; poço profundo.

Até as lutas, organizadas pela Associação, várias melhorias já foram obtidas para a comunidade. Foi conseguida energia construção de fossas e cacimbas, e causa na justiça e o terreno do Ministério da Agricultura.

A própria organização da Associação foi um trabalho lento, portanto podemos enumerar como uma vitória. Uma vitória construída sob o alicerce de muita fraternidade e democracia, pois tudo em relação as decisões da Associação é decidido pelo voto da maioria. Dona Vilani citou exemplos:

«— Ano passado a gente precisou de duas professoras e uma servente e quando se foi escolhido quem iria ocupar as vagas na escola, foi ouvido a opinião de todos os moradores e só foi escolhido quando houve a votação.

Esse ano a gente perdeu um benefício: a escola estava precisando de uma professora e o MOBREAL nos ofereceu uma que tinha vindo de um curso em Fortaleza. Quando consultamos os associados eles disseram: nós queremos uma professora da comunidade», e essa opinião prevaleceu.

A diretoria da Associação é formada pelo presidente, vice, 1º e 2º tesoureiro, 1º e 2º secretário, diretor de terras e conselho fiscal. Dona Vilani é a presidente já na segunda gestão.

### PLANOS

Por ora está havendo, comunitariamente,

o trabalho de exploração do terreno conseguido junto ao Ministério da Agricultura. Vale esclarecer que este terreno foi conseguido não como um presente dado pelo MA, mas, sim, foi reivindicado pela Associação. O plano para o cultivo desta, é de se fazer uma roça comunitária, com o lucro repartido igualmente com os moradores do núcleo, ficando 10% para a Associação.

Dona Vilani resumiu o projeto: «no nosso caso, em relação ao terreno que nós vamos cultivar, a gente vai fazer um plano de trabalhar-mos para a gente mesmo. Não há empregos, então a solução é trabalhar e produzir para si mesmo. Quem plantar, ganha igualmente. Ou trabalha todo mundo junto ou não trabalha de jeito nenhum».

## Drama da seca

Abriu-se a grande cortina do teatro do nordeste apareceu a seca assassina e secou todo o campestre

Relincha o cavalo com sede e com fome muge o gado o homem muda de nome de forte para aflagelado

Chora criança com fome e o pai sem tino clama já tive nome de forte mas hoje perdi a fama

Morreu o belo cavalo Dele só resta a sela morreu a galinha e os galos e a minha vaca amarela

Morreu o meu filho Pedrinho isto é que me consome depois de tão sabidinho eu vejo morrer de fome

Só resta Paulo e Maria José também já morreu Levanta vamos Amélia Se não morre tu e eu

E vão de estrada a fora sem direção e sem destino na mão um saco e uma cuia e nas costas um menino

É triste ver o nordestino nesta situação por causa de uma seca maldita viver sem lar e sem pão

Longe do torrão natal de voltar não tem esperança em um desprezo total sem crédito e sem confiança

Mas quando sabe a notícia que no Nordeste já choveu volta pela mesma trilha e esquece do que já sofreu

João Aquino — Camponês de Aratama, distrito de Assaré/CE. Foi candidato a prefeito pelo Partido dos Trabalhadores PT no pleito de 82.

# Café Itaytera... O Café Que a Gente Gosta

Exija do seu fornecedor o CAFÉ ITAYTERA, empacotado a vácuo compensado. — Rende mais e tem sabor total

FONES: 521-1511 E 521-2629

CRATO — CEARÁ

# EDUCAÇÃO E PARTICIPAÇÃO

Todas as pessoas são unânimes em afirmar que a educação no Brasil está em crise, que nós enfrentamos uma situação difícil na área educacional, mas poucos têm realmente tentado visualizar a verdadeira dimensão da crise na educação. Alguns responsabilizam o professor, outros os alunos e, outros tantos, a lei 5692 que implantou a reforma no Brasil com o ensino profissionalizante.

Mas será que a crise educacional brasileira está localizada aí? Será que ela não provém de uma crise maior, a crise econômica e política que enfrentamos hoje? Para respondermos a estas perguntas é necessário que verifiquemos que a educação não é um sistema, mas um subsistema que assume as características do sistema social-econômico envolvente.

Vivemos uma realidade conflitante, uma sociedade onde existem possuidores dos meios de produção e não possuidores, onde, em função da apropriação destes meios, se dá a exploração daqueles, que não sendo proprietários, vendem sua força de trabalho e produzem, não aquilo que lhes é necessário, mas o que quer o capital. São obrigados, conseqüentemente, a assumir uma postura que os nega como pessoas, que é acentuada através da separação entre trabalho intelectual e trabalho produtivo.

Essa negação se dá através do processo educacional que é instituído pela classe dominante, para exercer essa dominação, pois é através da educação, que assumimos valores que são dos proprietários para viabilizar uma maior produtividade.

Portanto, viabilizar um sistema educacional para o governo dos patrões, não é o profundo esclarecimento dos conflitos inerentes a nossa sociedade, nem tão pouco valorizar nossas características culturais mas, antes, quebrar os laços que nos ligam a nossos valores para que possamos assimilar os seus e ficarmos frágeis diante da dominação. A educação transforma a competência no produzir mais, de acordo com os interesses dos dominadores. A liberdade é vista de forma individualista, como o fazer e agir sem limites e não como a superação do presente em direção a um futuro mais promissor. Quando questionados pelos alunos ou professores, o sistema cuida de reprimi-los, enquanto que premia àqueles que aceitam as normas estabelecidas.

Mas, as pressões exercidas pelos trabalhadores, tornadas possíveis pela maior concentração da riqueza, criou as possibilidades necessárias à percepção clara, por parte dos trabalhadores na educação, das contradições internas da sociedade possibilitando a emergência de críticas cada vez mais radicais ao sistema, provendo o educando da necessária clareza da situação vivida, de dominado e explorado, marginalizado do processo de decisão política. A consciência que surge irrompe pela participação destes segmentos nas lutas sindicais, nos movimentos de base que se estendem, se ampliam e atingem a escola.



XILOGRAVURA: - STENIO DINIZ

O educador tem redimensionado seu papel, não mais como reprodutor dos valores burgueses, mas como um elemento que participa e desnuda a realidade ao alunato, possibilitando, ao mesmo, uma consciência clara das contradições. Tornar o aluno coparticipante do processo educacional, é colocá-lo como participante consciente e ativo do processo histórico, capaz de transformar a realidade, que o asfixia e sufoca, numa realidade que o promova como pessoa, capaz de usufruir da riqueza que ele produz.

Estas mudanças são derivadas da organização dos trabalhadores assalariados que postula, através de sua força, um maior espaço dentro da sociedade brasileira e, nós professores, como assalariados que somos, necessitamos nos envolver nesta luta e o faremos na medida em que reivindicarmos melhorias para nossa classe. Assim fazendo, transporemos as barreiras impostas pelo sistema educacional, tornando-o mais real, pois mais engajado nas classes assalariadas que formam o grande universo da escola oficial.

Nós que somos professores, somos responsáveis ou não por uma humanização da educação, voltando-a mais para os interesses dos oprimidos e explorados, possibilitando uma saída da miséria em que vivemos. Para tanto, é necessário um maior conhecimento do meio no qual nos inserimos e uma vigilância constante em relação aos desdobramentos da luta política que se dá a nível da sociedade global.

Ronald de Figueiredo e Albuquerque

## Precisamos Pensar...

CALAZANS CALLOU

Cinemas fecham, teatros capitalistas surgem, festivais submergidos nas crateras do tempo. Roupas e etiquetas a desfilar em passarelas elitistas da cidade. Artistas de grandes valores que sempre colocaram o nome dessa cidade em diversas páginas publicadas, são marginalizados por uma minoria dominante que manda e desmanda que desfaz e não faz. Tal o cultura de nossa cidade. Tal o exemplo belo e colorido dessas pessoas que julgam-se autosuficientes; autosuficientes é a puta que o pariu, isso sim.

Atualmente em nossa cidade existem grupos com cabeças jovens que pensam em melhorar ou consertar um pouco os ponteiros da cultura do Crato. Mas para que isso ocorra, infelizmente é preciso de dinheiro e isso é o mais «difícil». É assim mesmo entre aspas, porque dinheiro para cachaça, gasolina, mulheres, esporte, existe. E porque para a cultura de uma região que tem tradição nacional não existe esse tal de dinheiro? Precisamos de uma resposta ou não precisamos?

Outro absurdo que existe nessa nossa «capital», é o caso das fontes naturais de água. O Crato é rico em água, mas como hoje em nosso país tudo é política, nossas nascentes são desviadas para irrigar as terras dos nobres burgueses e o povão que foda-se de sede. Temos um exemplo claro: é o caso do tancão localizado no lameiro. Esse tanque tempos atrás era quem gerava energia elétrica para o Crato. Hoje poderia ser transformado num ponto turístico, era mais um monumento histórico-cultural à entrar no acervo. Mas não, quem hoje vai

contra-se esse monumento. Existem três modificações que fizeram em «prol» do tancão: primeiramente sua passagem foi bloqueada por um muro nobre; segundo, sua água está sendo desviada para umedeecer um certo terreno nobre; terceiro, sua arquitetura está tendo certos prejuízos tanto pelo lado da corrosão como também pelo lado da destruição manual. Agora responda, isso pode continuar?.

Aqui em nossa cidade atualmente existem três faculdades Uma de Economia, uma de Direito e outra de Filosofia. Quer dizer que por ano em média de umas 500 pessoas ou mais recebem seus diplomas (que por sinal não é lá essas coisas). Em uma dessas faculdades alguns dos componentes do Folha de Piqui tentaram vender esse jornal. Esses caras percorreram sete salas de aula a fim de divulgá-lo. Os alunos receberam os divulgadores passivamente. Esses divulgadores por sua vez apresentaram os objetivos desse jornal cultural em nítida voz e com uma dialética primária, a fim de

Continua na página 4



### A POLO JÓIAS

De J. Apolinário & Filhos

Requinte, charme e bom gosto, para quem exige o melhor em jóias

Rua São Pedro, 634 - Fone: 511-1215 - Juazeiro do Norte-Ce.

### PANIFICADORA E CONFEITARIA PROGRESSO

Fabricação esmerada dos melhores produtos:

Paes, Biscoitos e Bolos

Rua Mons. Esmeraldo, 856 - Tel.: 521-1608 - Crato-CE

## CAFÉ TUPIARA

PRESENTE NOS BONS MOMENTOS

Rua Mons. Esmeraldo, - Fone: 521-0222 - Crato-CE

# SEU JEFRESSON

## O Bastião da Ecologia do Cariri

«Todo esse campo é beleza por tudo, se o pau é torto é beleza, se não é torto é beleza, tudo é beleza».

A impressão que tivemos ao longo de um bate-papo informal, com Seu Jeferson da Franca Alencar, foi a presença marcante de homem, que nos seus 86 anos, ainda transmite um idea-

lismo e uma convicção, que há muito já desapareceu entre nós, a sua silhueta de barba e cabelos longos e grisalhos, lhe empresta a figura, de um personagem bíblico, transportado das páginas da História, para os dias atuais, trazendo-se numa mensagem de esperança.

Seu exemplo de profunda identificação com a natureza e de defesa do reduto ecológico por ele criado, no nosso modo de entender o caracteriza como sendo um dos defensores nativos da ecologia da Região; daí porque o intitulamos o **BASTIÃO DA ECOLOGIA DO CARIRI**.

Há 55 anos o Sr. Jeferson, mora no Sítio Fundão (400 tarefas) herdado de seu pai Abdon da Franca Alencar e Alicricle Oliveira Alencar: sítio este localizado no sopé da Chapada do Araripe, o qual encontra-se em sua maioria coberto por vegetação arbórea possuindo uma parte de fruteiras que vem sofrendo um processo de sucessão ecológica, pela vegetação nativa, em face de haver sido desviada uma teia d'água, que outrora possibilitava a irrigação das fruteiras.

O sítio possui um Engenho de Madeira, onde apenas a Moenda é de ferro, elemento vivo da História do Engenho de Rapadura no Cariri Cearense; abandonado as intempéries do tempo assim como se encontra abandonado o processo produtivo primário no Nordeste do Brasil.

Nos perguntamos, o que leva um homem a esse grau de convívio Ecológico? Seguramente não pretendemos apresentar respostas conclusivas, que parecem, por demais desnecessárias, quando pretendemos apresentar e apreciar o que nos têm a dizer o Sr. Jeferson.

«Procuro sempre defender, não só as ár-

vores, como os animais, no entanto a gente fica magoado de ter a responsabilidade de defender e ver a onda de desocupados, invadindo, queimando, destruindo; chora a gente! não faz chorar?»

«Todo esse campo é beleza por tudo, se o pau é torto é beleza, se não é torto é beleza, tudo é beleza».

Eu proíbo a entrada (de estranhos) para não caçarem, nem de espingarda, nem de baladeiras, nem de nada. Eu, meus filhos, meus netos, não temos o direito de caçar, o exemplo damos por nós próprios. Nem o pai nem o filho, nem o neto caça; o que eu quero é conservar, da maneira que eles (caçadores) querem é destruir.

«Meu pai deu o exemplo e hoje eu reconheço que destruir nem um passarinho. Todos têm o seu direito, todos tem a sua necessidade dentro do campo, da vida e de proteger a nossa causa; comendo os insetos que os alimentam e nos salvando (assim) de mais doenças. Todos os direitos à vida são por igual».

«Daqui prá frente gostaria de ver o sítio mais conservado ainda, que agora, prestando atenção, não vendendo, não deixando que destruam, não fazer corte de madeira, como ainda não fiz; se meus filhos quisessem continuariam conservando, mas sei que não farão. O filho hoje é pai e o pai hoje é filho. Para ver o sítio conservado eu o venderia hoje».

Lançamos aqui do Folha de Piqui um apelo a população, no sentido de se empenharem numa campanha que culminasse na compra do sítio pelas Autoridades Governamentais e a transformação do mesmo em uma Estação Ecológica Regional.

Finalizando vejamos a idéia de Seu Jeferson sobre eleições:

«Eleição direta! seria uma senvergouhice, nós ainda marchar mais um ano, cinco anos de governo, botado uns pelos outros, seria uma desclassificação para o Brasil todo».

### PRECISAMOS... Continuação da página 3

que todos pudessem entender (apesar de estarem dialogando com pessoas cursando um grau superior). Pois bem, isso foi repetido em todas as sete salas, veja o que aconteceu: Os divulgadores não conseguiram vender um só jornal. Conclusão: se em uma faculdade que é composta por pessoas tidas por lei com um grau superior aconteceu isso, o que acontecerá com as pessoas de um grau primário ou secundário? Uma outra conclusão: Eles podem não terem gostado do jornal, mas esse argumento é um tanto quanto vago, por que eles não chegaram a ler, e quem leu por aí a fora elogiou bastante o jornal. Moral da História o Crato está pobre em todos os aspectos voltados a uma cultura. Apesar da boa vontade de certas pessoas e grupos.

«Crato capital da cultura», precisamos refletir muito em cima dessa frase.

OBS: Na introdução desse artigo contém idéias escritas dos filósofos da noite: João Silvío, Reginaldo e Talmaturgo.

# IVO PITA JÓIAS - Uma Organização Que Respeita e Honra a Sua Confiança e Preferência

Jóias de fina qualidade e absoluta garantia, a bons preços e trato como você merece.

Este, o segredo do nosso sucesso numa longa tradição de bons serviços aos nossos clientes  
**FAÇA-NOS UMA VISITA E TORNA-SE-Á UM DELES**

Brevemente estaremos inaugurando na Rua São Pedro, 621, Fone: 511-0425, a nova sede de nossas atividades comerciais, em prédio de quatro pavimentos, moderno e confortável, no propósito de melhor servirmos nossos amigos e fregueses.

S E R E N O

no céu existem abutres,  
existem migalhas no ohão.  
entre as penas sustentando o vôo  
e as moscas sobre o que foi trigo  
existem muitas atmosferas.  
a da feira, a da serra,  
a da fábrica, a do mar.  
envolvendo todos os ares,  
trabalha uma imensa energia,  
a transformar em doce mel  
o que a vida auto-fabrica  
entre a pena e a mosca  
(claros espaços solares).  
um trabalho que transcende  
o mastigar cotidiano  
das graúnas e das pessoas.  
são gotas de seda  
que alargam e tecem  
uma longa história  
feita de grandes minutos,  
nascente e buliçosa  
qual uma estrela  
de fim-de-tarde.  
preciosa magia  
de um Merlin,  
mago louco, diretor  
desta empresa que negocia com o tempo  
os nossos cabelos,  
enquanto usamos o pente  
diante do espelho.  
coisas tantas de um todo irreal  
que o nosso medo procura  
por na enciclopédia,  
como o pelo do leão.

PAULINHO DE TARSO

Ondátua

encontrei  
a estátua da liberdade  
de noite  
numa praia do caribe  
deixou a américa de mansinho  
pondo em seu lugar uma imitação

GERALDO URANO

já faz tempo.  
ah! quanto tempo.  
que a vida era um infeliz devorar  
de arroz integral em tijelas de barro  
e de comer de hatxis  
(que os caretas chamavam de pauzinhos  
chineses).  
já faz tempo.  
ah! quanto tempo.  
que os dias eram diálogos relevantes  
ramakrshna, macrobiótica, d. juan, cogumelos.  
(a natureza ainda é o maior barrato).  
e dormir cedo prá o dia amanhecer feliz.

p. s.: nem sempre o poema expressa exatamente a idéia do poeta.

ORLANDO RAFAEL DIAS

Sariema em-riba  
pralapacando

sariema em-riba pralapacando  
água de açude cacimba  
anhambu mameleiro iditiando  
mameleiroentrelaçante  
garça-socó biélaia  
o faxeiro-espinho angicante

LEONEL ARARIPE

Fragmento

grande miséria campeia  
do campo até a cidade  
nesta crise que aperreia  
é triste ver a verdade  
que nestes versos revelo,  
pois com um grande flagelo  
que o sol do nordeste cobre,  
muito desgostoso fico,  
o rico fica mais rico  
e o pobre fica mais pobre.

PATATIVA DO ASSARÉ



XILO: STENIO DINIZ

LUCIDEZ

cortaram os peitos das mãos  
e ficamos sem leite  
— as sombras das árvores já não são  
assim tão frias

entupiram as nascentes da serra  
e estamos com a boca seca  
— carne seca e rapadura não nos  
satisfazem como antes

viramos nômades errantes  
e desde então andamos feito jumento

RAPHAEL

ESFINGE

bem me quéops  
mal me quéfren  
miquerinos?

eu no polígono das secas  
você no delta do nilo

en sou o aro da roda  
você, tangente do círculo

eu sou o rei do agreste  
você, rainha do egito.

TIAGO ARARIPE

Sábado à Noite

é sempre noite de cio,  
De alegria, de carnaval,  
Do chope, linguíça e mineral,  
Do bêbado, do viciado.  
É como se fôssemos flôres  
E os sábados abelhas,  
Corações, canções, ilusões,  
Amores e sonhos  
Noite adentro, sem horas  
Em vibrante ritmo de alegria  
É sábado à noite...  
De utopia, de fantasia, orgia  
Do poeta, discípulo e artesão  
operário da palavra.  
é sábado da linda môça  
Desnuda, crua, multisensual  
Breve amor de fim de semana  
Folia das madrugada  
Em noites claras, caladas.  
Folia de patamar  
Depois da bebedeira.  
São quatro horas da manhã  
E o domingo já ameaça chegar.  
Ha...! fôsse eu um deus  
Seria sempre sábado.  
Ha...! fôsse eu o sol  
Seria sempre noite  
E eu te faria lua  
Mesmo com a certeza  
Que a noite seria sempre tua.

WILTON (Dedê)

no olhar de revolta  
na súplica da paixão  
no desfeixo da vida  
no luar do sertão  
corre o vento feliz  
corre o cheiro de fome  
corre a morte entre as mãos

ROSANGELA (Didi)

LOJA **BOLART**  
ARTEZANATO - LIVROS  
POSTER - DISCOS - FILMES  
FOTOGRAFICOS  
TUDO PARA PLANTAS  
Rua Monsenhor Assis Feitosa Nº 669 — Crato - Ceará

**José Flávio Vieira**  
— Cirurgia Geral —  
Rua Cel. Antônio Luiz, 1028 — Crato - Ceará

## O Despertar de Uma Consciência Ecológica

Os naturalistas do século passado, já possuíam um «pensar ecológico, em regra geral, atribui-se a Ernest Haeckel em 1866, o lançamento do nome ECOLOGIA (Oikos = casa — logos + tratar em parte), hoje entendida como sendo a ciência que estuda as interações dos seres vivos entre si e destes com o ambiente. Vale a pena salientar, que o escritor americano — Henry David Thoreau — em carta a um amigo, no dia 1º de janeiro de 1858 escrevia «Mr. Hoar ainda está em Concord, assistindo Botânica, Ecologia etc...».

Mário Guimarães Ferri, se pronuncia da seguinte forma: «Ora, se alguém já em 1858 assistia a um curso de Ecologia, é porque, obviamente, não só a palavra existia, pelo menos oito anos antes de sua suposta criação por Haeckel, a própria disciplina Ecologia já tinha um desenvolvimento tal que permitia a realização de um curso em seu âmbito».

No entanto, embora que fundamental, não pretendemos tratar de prioridade de publicação ou mesmo do academicismo Ecológico, mas tão somente apresentarmos pontos de vista, quanto a uma Ecologia Engajada num real processo de desenvolvimento.

Entendemos que não basta, a constatação de uma natureza agredida e de uma civilização agressora, mas o que o partejamento desta tomada de consciência, leve os homens ao questionamento e em consequência a uma ação efetiva e duradoura. No nosso modo de entender a Ecologia antes de ser uma ciência palavresca, verbosa, que se perca na sonoridade das palavras; precisa ser questionada, vindo a constituir-se em uma Filosofia de Vida.

## LITERÁRIA

JIRICO (L. ARARIPE)

O escritor cratense Leonel Araripe promete para Junho o lançamento do seu esperado livro JIRICO. Acreditamos que a prosa brasileira não recebe contribuição assim desde «Grande Sertão: Veredas», de Guimarães Rosa. O romance, segundo o autor, ataca por duas vias: pela **invenção**, matriz da chamada «arte de vanguarda» e que tem o maior representante no «Finnegan's Wake» de Joyce, e pelo mais cruэл grito de rancor inebriante. Observa a primeira via Wellington Marques: «O trabalho de descolonização começa por nós mesmos. Na nossa linguagem, na nossa forma de pensar, escrever e julgar os outros. A revolução para chegar fora dos literatos tem que iniciar dentro dos literatos, mutação em «palavras-olhos» que vêem mais, que mostram mais que são o que são e que jamais podem ser interpretadas diferentemente. Descolonizar a linearidade, quebrar com todas as estruturas que por si já são burguesas, atitude de interpretação bem luckasiana de «literature engajée».

FRANCISCO CUNHA

Entendemos que para deter esta Civilização Perdulária, necessário se faz a Militância Ecológica, radical, porque revolucionária; mas não sectária, a qual é fruto da irracionalidade.

Aqui defendemos a Ecologia «com» o homem e não a Ecologia «para» o homem. Diferimos a Ecologia com o homem como sendo a Ecologia construída com o pouco em que das peculiaridades locais e a Ecologia para o homem, (ou Ecologia pré-fabricada) como aquela, fundamentada em uma visão antropocêntrica, voltada única e exclusivamente para o seu bel prazer.

Necessário se faz combater a Ecologia Romântica, porque enquanto Romântica, camufla todo um processo de dominação e de opressão sustentada desta Civilização Perdulária, que aí esta e embora não consciente, mas com vários atrativos artificiosos leva a humanidade a um final apocalíptico.

Mas com uma visão otimista, que julgamos não ser ingênua, impõe-se a necessidade da Militância Ecológica, que não se pretende perfeita, mas como proposta real de desenvolvimento, sujeita a modificações, e mesmo a contestação; mas que fundamenta-se em bases sólidas.

Esta Ecologia Engajada, poderia vir mesmo a defender a derrubada de árvores, desde que necessário se fizesse para abastecer e saciar a fome dos homens e vinhesse a contestar o plantio de árvores, quando estes, mascarados sem uma estrutura de dominação como no exemplo a seguir: «Qual a importância de plantar árvores exóticas em palacetes e impedir o cultivo da terra nos latifúndios destes proprietários de feudos, por uma população faminta e segregada do processo de desenvolvimento.

Daí, porque entendemos que o Nordeste precisa de uma Ecologia Engajada, voltada para seu povo e não para os interesses alienígenas, que aqui se instalam com pompa e magnificência, a reinar sobre súditos fiéis e produtivos.

Lançamos aqui um convite aqueles que empunham a Bandeira da Ecologia e gostariam de somar esforços, no sentido de aprofundar a discussão sobre as reais necessidades do Nordeste e de seu povo e paralelamente buscar soluções que venham a se constituir em parcela de contribuição aos problemas do Tópico Semiárido do Nordeste do Brasil.

Este é um convite para o Despertar de uma Consciência Ecológica.

Correspondências serão sempre bem vindas, contatos poderão ser feitos com a redação do Jornal.

## Notícias • Notícias • Notícias

Em dezembro houve o lançamento do livro «Rasgos D'Alma», coletânea de poemas de Cícero Jorge, Tancredo Lôbo e Hermano Roldão. Os três integram o Grupo Raízes, que exerce um importante papel dentro da militância artística cratense.

—oO—

Em janeiro, na Loja Bolart, Roseberg Cariry lançou o seu último livro «S de Seca — SS» — poemas ilustrados por Audifax Rios, selo «Nação Cariri Editora».

Na ocasião foi também lançada a Revista Nação Cariri, com uma amostra de desenhos do artista plástico Rômulo Melo, (Campina Grande-PB) enriquecendo o evento.

—oO—

Também com livro na praça, o poeta Jefferson Albuquerque. A obra, intitulada «sátiras e sonhos», é ilustrada por Luís Karimai e sobre ela assim tecemos o comentário: O autor revela um lirismo e uma atenção à vida que se consubstancia na própria estrutura do poema, alegres do seu tempo de menino em Pacatuba, dos tempos dos «coronéis» ou simplesmente poemas líricos, em que diante da natureza o poeta percebe o Homem e sua Luta.

—oO—

De Assaré recebemos a notícia da criação do Centro de Cultura Popular Patativa do Assaré, que tem como objetivo incentivar a arte aí. O Centro já está funcionando a todo vapor, e sua inauguração foi em Março, de 16 a 19, quando se comemorou também os 75 anos de Patativa. Intensos festejos foram programados, contando inclusive com a participação de grupos culturais de várias cidades cearenses.

—oO—

O Centro de Estudos Supletivos está dando o maior apoio aos grupos culturais do Crato, que de agora em diante têm à sua disposição o auditório (para apresentação de peças teatrais, por exemplo), e os diversos equipamentos do CES, como as instalações do mesmo para exposição de trabalhos (pintura, fotografia, escultura etc.). E o CES divulga qualquer notícia dos grupos culturais no seu programa de rádio, às quartas e sextas no período de 9:00 hs às 9:30 hs.

Dentro também da programação do CES, para estimular mais ainda a circulação de «informação cultural» está a divulgação da Banda Municipal, projeção de filmes e slides educativos nos bairros e a promoção de concursos entre grupos folclóricos da região.

Ocasionalmente, cursos intensivos sobre cinema, teatro, artes plásticas e diagramação são oferecidos.

# Bar e Restaurante Quero Você's

Visite-nos — Estrada do Lameiro — Crato - Ceará



Réquiem Para Nove Poetas Independentes

Leila Miccolis / Rio de Janeiro

Num movimento que tem poucos anos de atuação, como a poesia independente, nove mortos já é número bastante significativo, um dado a ser considerado por quem se proponha a fazer uma história do movimento. Pesa. Até o ano passado eram sete: número cabalístico, misterioso, mágico, sete: conta de mentiroso (quem dera!). Então, em 1983, aconteceram os dois outros: Paulo Vêras, no início do ano, e, agora, Ana Cristina César, cuja maior parte do trabalho encontra-se esparsa, tendo deixado apenas quatro livros de poesia: «Cena de Abril» e «Correspondência Completa» (79). «Luvas de Pelica» (Inglaterra, novembro/80), e «A teus Pés» (Ed. Brasiliense, SP, 1982). Desses nove poetas, três se suicidaram, dois foram vítimas de brutais assassinatos, três, de males fulminantes, uma de desastre automobilístico.

Este artigo é para homenageá-los, e eu o faço chamado a um, invocando-os nominalmente: TORQUATO Pereira Araújo NETO (Teresina, 9/11/44 - Rio, 10/11/72), LETICIA Maria MOREIRA DE SOUZA (Rio, 2/2/48 - Rio, 28/4/78), GUILERME MANDARO (Vassouras RJ, 1951 - Rio, meados/79), HENRIQUE DO VALLE (Rio, 21/3/60 - POA/RS, 29/2/81), VIOLETA de Lourdes FORMIGA Maia (Pombal/PB, 1951 - João Pessoa PB, 21/8/82), GERALDO ALVERGA Cabral (Guarabira/PB, 25/3/66 - SP, 25/8/82), José Pires BARROZO FILHO (Friburgo/RJ, 28/3/38 - Niterói/RJ, 12/10/82), PAULO Roberto da Trindade VÉRAS (Parnaíba/PI, 23/3/53 - Fortaleza/CE, 23/3/83), ANA CRISTINA (Rio, 2/6/52 - Rio, 29/10/83).

Os egípcios costumavam deixar perto de seus mortos queridos objetos que eles precisariam para a travessia póstuma. Sigo este exemplo milenar: que eles partam levando poemas, para que não se sintam só, para que saibam que nunca serão esquecidos.

DE LÁ PARA CÁ  
Recebemos, Acusamos & Somos Gratos

LIVROS & REVISTAS

— BOCA MALDITA (Edições Trote, 1982) — Livro de poemas de Tanussi Cardoso, que tem nas costas uma grande militância que vem desde quando integrava o grupo «Bandidos do Céu». Hoje atua no «Bazar dos Baratos», grupo que apresenta shows artísticos em vários estados do Brasil. Junto com Leila Miccolis, toca pra frente a Editora Trote. Seu endereço: Rua Barata Ribeiro, 52/402 - Copacabana - Rio.

Ainda por intermédio de Tanussi, recebemos «a mulher que matava o tempo» de Solange Rocha, reunindo crônicas, contos e ensaios, e «parque solidão», romance de J. L. Camelo. Ambos da Editora Trote.

— DROGA (Edições Ex-Cemfiores, 1983) — De Marcelo Dolabela, onde, com uma escrita fragmentária, o autor brinca poeticamente com as imagens. Rua Tupis, 207 - Belo Horizonte - MG.

— A REVOLUÇÃO — Coletânea de autores gaúchos (com um uruguia de contrabando). É uma obra do Centro Cultural José Hernández. Av. Daltrô Filho, 629 Bloco 4 - Apto. 304 - Santa Ana do Livramento/RS - 97570.

— FUZIS LEPORINOS e AS DUAS IRMÃS — O primeiro é de poemas e o segundo é um conto. Ambos de Eutáquio Gorgone. Rua Manoel Joaquim, 35 - Caxambu/MG - 37440.

— GIRASOL MARGINAL — Poesias de Lira Neto. Um poeta de profunda visão social e que promete despontar no cenário nacional. O endereço do Lira é: Av. Tristão Gonçalves, 702 - Centro - Fortaleza/CE - 60.000.

— O SOL QUE O SOL FAZIA — Livro de Jenner Dunkl que traz poemas de uma sensibilidade muito profunda. Editado pela Litera Editores. Intercâmbio para: Av. Nova Cantareira, 1428 - Apto. 51 - São Paulo/SP - 02330.

— PONTO DE BALA — Denise Teixeira Vianna, a autora deste livro, é uma poetisa de grande talento e uma agitadora cultural. Edita o «leiamigo», que divulga os alternativos do Brasil. Escrevam para a Caixa Postal 11.052 - Rio/RJ - 22022.

— O EVANGELHO DA ILUMINAÇÃO — Livro de Poemas de Márcio Catunda, onde a natureza, a paz e muita contemplação estão presentes. Endereço: Min. das Rel. Exteriores (Itamaraty) - Instituto Rio Branco - Brasília/DF - 70.000.

— DIMENSÃO (Revista de Poesia) — É Uberaba essa ótima publicação. O número 7 inicia uma série sobre a poesia brasileira, trazendo um breve relato sobre as vanguardas, desde o modernismo de 22 a poesia independente

dos anos 70/80. O endereço da Revista é Cx. Postal 140 - 38.100.

— D'LIRA, n° 0 — Revista de arte, política, literatura etc. Com um excelente nível cultural e importantes colaborações. Rua Brás Bernardino, 54/710 - Juiz de Fora/MG - 36.100.

— VIVA A POESIA, n° 9 — Revista do grupo homônimo de Joinville/SC. Contatos e correspondência, aos cuidados do Dpto. de Assuntos Culturais da Furj - Caixa Postal D-120.

— EDUCAÇÃO, n° 2 — Revista que trata do tema com muita seriedade. Destacamos excelente reportagem com o educador Paulo Freire. Veio de Fortaleza.

— DISTRIBUIÇÃO: Questão fundamental para a sobrevivência do processo alternativo — Livreto de Roberto Massoni que traz uma séria análise da problemática que envolve autor, distribuidor e leitor. Caixa Postal 7348 - São Paulo - 01051.

— GRUPO CANTO — Antologia do Grupo Canto, reunindo poemas de Cláudio Gomes Severino do Ramo e Sérgio Adaxi. Correspondência: Caixa Postal 52309 - São Paulo/SP - 08101.

JORNAIS & FOLHETOS

— O TROBONINHO (N°s 54 a 56) — Mini-Jornal vindo de São José dos Campos, sob a direção de Paulino Rolim de Moura. O endereço é: Cx Postal 345 - S. J. Campos/SP - 12200.

— CORREIO DO SUL — Informativo que edita excelente coluna literária. Escrevam para José de Souza Pinto, o Zanoto. Av. Navarra, 300 - Varginha - 37.100.

— BRASILÂNDIA — Jornal publicado pela Água D'Aldeia Editora. Abre espaço para cultura e poesia. Rua Parapuã, 1857 - Vila Brasilândia/SP.

— JORNAL DA TATURANA (N°s 29 e 30) — Indispensável publicação que traz poesia, prosa e quadrinhos de alta qualidade. Seus editores são: Cláudio Feldman e Moacir Torres. Cartas para: Rua Sto. André, 700 - Santo André/SP - 09.000.

— ABRE ALAS (N°s 15 a 19) — só edita poemas. É uma publicação da Articultura. Rua Batista Oliveira, 370/503 - Juiz de Fora - MG - 36.100.

— MANDACARU (N°s 15 a 17) — Jornal mimeografado que traz poesia, prosa e informação. Solicite sua assinatura (anual, Cr\$ 600,) à Cx. Postal 1881 Recife/PE - 50000.

— MADAME SATÁ — Informe deste conceituado restaurante cultural. Rua Con Ramalho, 873 - Bela Vista/SP - 01325.

— O CATOLÉ (N°s 61 e 62) — Jornal editado por Dias da Silva e Batista de Lima. Rua Mons. Vital Gurgel, 626 - Jardim das Oliveiras - Fortaleza/CE - 60000.

— LABUTA, N° 44 — Jornal político de Franca/SP. Voltou a circular depois de onze meses de inatividade.

— INFORMATIVO NACIONAL DOS POETAS, POETISAS E PROSADORES (N° 1) — Sob a direção de Andrade Sucupira, é de Vile Velha/ES. Escrevam para a caixa postal 195 - Cep 29100.

JANELA TRIDIMENSIONAL

Quem é vivo sempre aparece; mas, dependendo do morto, ocorre o mesmo processo: os poetas que mais amo entram sempre em minha casa pela porta dos seus versos.

EMBRALIL - LTDA.

Uma Empresa que proporciona Educação e Cultura.

LIVROS DIDÁTICOS, CIENTÍFICOS E LITERÁRIOS

RUA TRISTÃO GONÇALVES, 547 - FONES: 521-2154 - 521-0157 - Grato - Ceará

UNIVERSITÁRIA

LIVRARIA — PAPELARIA — GRÁFICA

Melhor atendimento - melhor qualidade e o menor preço da Região.

Rua Santos Dumont, 87 - Grato - Ceará

# Doença e Subdesenvolvimento

## (Um Círculo Vicioso)

«A Saúde de um povo e sua economia dependem uma da outra. Quando as doenças são frequentes, a produtividade diminui, e por isso, os salários, as condições de habitação e o nível de instrução são atingidos». Esta foi uma declaração de F. Herrera (Presidente do Banco Interamericano de Reconstrução), assim como se constitui na teoria do «círculo vicioso» entre saúde, trabalho, produção alimentar, instrução e saúde, apregoado pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Inspirados nessa tese, teóricos acharam que controlando um dos elos dessa corrente seria quebrado a circularidade do subdesenvolvimento num ponto, o nível da saúde. Para tal, seria bastante aumentar o número de médicos e desenvolver a assistência sanitária. «Nesse caso, as doenças dominantes seriam vencidas e com isso aumentaria a produtividade do trabalho, multiplicar-se-iam os recursos agrícolas, a fome seria reduzida e o «círculo vicioso» transformado em bem estar crescente.

A experiência histórica tem demonstrado que não há relação direta entre número de médicos e nível sanitário de um país. Assim a correlação da mortalidade infantil é muito mais elevada com a renda «per capita», com os consumos alimentares, com o nível de instrução, do que com o número de médicos.

Sabemos que as graves condições sanitárias do Terceiro Mundo não vêm somente do «atraso histórico», mas do relacionamento neocolonista com as metrópoles, que impede que sejam efetivados programas básicos de saúde dentro de uma política nacionalista. De maneira que forças econômicas procuram deslocar a assistência sanitária do Terceiro Mundo da luta contra a mortalidade para a luta contra a natalidade.

A exigência justa de transformar a procriação de ato quase casual em decisão consciente e responsável, e a necessidade vital de assegurar o equilíbrio mundial entre desenvolvimento demográfico e produção alimentar, infelizmente são usadas para esconder motivações menos nobres: a preocupação com as mudanças no equilíbrio político internacional.

As vezes, essas motivações surgem de maneira explícita em alguns projetos. No convite americano da «Campanha para o Controle da Explosão Demográfica, lê-se: «Um mundo com países subdesenvolvidos será um mundo de caos, revoltas e guerras (...) Não podemos ter o luxo de meia dúzia de Vietnãs, nem sequer de um só mais (...). O interesse nacional exige que façamos todo o possível para ajudar os países subdesenvolvidos a controlarem suas populações.

A hipótese de que os males atuais do Terceiro Mundo (e o futuro do mundo inteiro), sejam consequência da excessiva proliferação, é amplamente difundido e corresponde ao desenvolvimento das teses Malthusianas, já refutadas por Karl Marx. O marxismo afirma o contrário: o planejamento familiar não é a precondição, mas consequência natural e desejada do desenvolvimento econômico e cultural. Também a experiência recente demonstra que há grandes países que resolveram os problemas alimentares transformando antes a base

econômica-social e só depois freando a natalidade de maneira espontânea ou deliberada. Em outros países onde não ocorreram mudanças revolucionárias, as tentativas de substituí-las pelo controle de natalidade não reduziram a natalidade, nem diminuíram a fome. Apesar disso, o uso generalizado de anticoncepcionais, tem se transformado em técnica útil para transformar a procriação consciente em filosofia social. Na Índia, em consequência dos escassos resultados obtidos com as «pílulas» e os dispositivos intrauterinos, recorre-se à esterilização cirúrgica dos homens (vesectomia), que se define como voluntária, mas que se «recom-pensa» com dois quilos de arroz, uma mochila, um balde de plástico, um guarda-sol, enlatados e até bilhetes de loteria.

Finalmente, é impossível que o «círculo vicioso» entre doença e subdesenvolvimento econômico, teorizado pela OMS, possa ser rompido, considerando o nível saúde como prioritário. Além disso, tal teoria não explica os graves fenômenos sanitários de alguns países altamente industrializados, e no que diz respeito ao Terceiro Mundo esquece as causas comuns, quer das deficiências sanitárias, quer do próprio subdesenvolvimento.

Não mais se questiona que a dependência material e cultural do estrangeiro, os sistemas injustos e arcaicos de propriedade da terra, o atraso na instrução e distribuição desigual das riquezas, freiam o desenvolvimento industrial, a utilização racional dos recursos naturais e humanos e a participação do povo no progresso de sua sociedade.

Caso a Medicina aceite a afirmação de que «o processo revolucionário é intrinsecamente o melhor programa de saúde pública», terá um papel próprio e insubstituível, não limitando-se apenas ao controle da natalidade, à cura de doentes e ao registro dos óbitos. A função da Medicina deve ser antes de tudo, analisar a influência das relações sociais sobre as doenças, assim como estimular a participação do povo na mudança das situações causadoras da doença.

Francisco Marcos da Cunha  
— Médico —

«Sugiro para leitura:

Medicina e Política  
Giovanni Berlinguer  
Cebras — Hucitac  
São Paulo — 1983.

## O MEDO

O homem cria a arma  
A arma destrói o homem.  
O homem cria a máquina  
A máquina destrói o homem.  
— Quando um dia o homem  
vencer a máquina  
vou chorar!  
E morrer esmagado entre máquinas.  
no velório não quero ver máquinas  
querer sentir sobre o caixão  
a mão de obra do homem  
que cria o homem  
mas que chora  
quando ver máquinas.

WILSON BERNARDO

## Manifesto Caririal - I

### (Uma Doença Verde)

O Cariri é uma doença fértil.  
Do alto da Serra do Araripe descortina-se uma doença verde em um vale verde. O Cariri sopra bonanças pós-tempestades anos oitenta. O Crato é o coração do século. É um capítulo dessa história feita a mão com muito suor.

Caririal. Somos os testas-de-ferro. Somos da América Afrolatíndia. Kiriris & kirimbau. Violeiros de «mei de fêra» entoam a memória cidadina de heróis e revoluções. O panorama de 76 fontes e vales imensos e mil verdes.

O Cratoriri é uma proposta harmoniosa/melódica feito sanfona, viola e surdo, berimbau: sugar a cana como alternativa.

Arte de filosofar a fome com a estética piqui.

Somos piquizeiros e antropofágos. Assumidos e glorificados. Feliz casamento entre a natureza e o homem. Nossas raízes são as do piquizeiro. Nossos frutos, o piqui.

Reizado & rock'n'roll e coisa que o valha. Zambumba e os irmãos Anicetos. O couro, a feira, o barro cru (Dona Ciça dixit). Pra não dizer que não falamos do barro.

Crato, 1817. Revolução inútil. Mas viva a Dona Bárbara braba na praça selvícola e aos alencares de então.

Exportar essa doença, exportá-la sob forma de material poético.

... E o sertão vira mar na terra da pouca água.

O Cariri é uma doença mortal, e dela já morreremos todos.

—oOo—

Assinam os vates ufanos e nativistas da Província de Villa Cariry, antiga Missão do Piqui

## FOLHA DE PIQUI

Av. Teodorico Teles, 442  
Crato — Ceará 63.100

EXPEDIENTE

nº 03 — ano I — março e abril de 84

DIRETORES RESPONSÁVEIS

Carlos Raphael Dias  
Calazans Callou

DIVULGAÇÃO E VENDAS

Wilton Dedé

PUBLICIDADE

Roberto Oliveira

DIAGRAMAÇÃO

Carlos Raphael Dias

CONSELHO EDITORIAL

Normando Rodrigues, Marcos da Cunha, Ronald Albuquerque, Roberto Oliveira, Jackson Bantim, Leonel Araripe e Fco. Cunha.

COLABORADORES

Stênio Diniz, João Aquino, Paulinho de Tarso, Geraldo Mérkur, Patativa do Assaré, Tiago Araripe, Leila Miccolis, Orlando Rafael e Wilson Bernardo e Didi.

Composto e Impresso na:  
EMPRESA GRÁFICA LTDA. Crato — Ceará

## PADARIA SÃO JOSÉ

Org.: Luiza Nogueira Sidrim

Rua José Carvalho, 131

CRATO — CEARÁ

## BOUTIQUE SALETE CALLOU

— REQUINTE E BOM GOSTO —

Jóias — Bijouterias — Moda Unissex — Plantas

Rua Miguel Limaverde

Fone: 521-1801 — Crato — Ceará